



O "IMBROGLIO" SUL-AFRICANO

Therezinha de Castro

A professora Therezinha de Castro aborda neste artigo o momento sul-africano, hoje tão comentado no mundo inteiro.

É muito válido para o leitor o enfoque de que, certamente, devemos conhecer a situação sobre vários ângulos, não apenas o da confrontação racial, pedra-de-toque do noticiário rotineiro a que estamos submetidos.

Como povo sem racismos repugna aos brasileiros qualquer tipo de discriminação previsto em lei. Mas como de Nação que se considera hoje digna de projeção internacional, não deve a gente brasileira desconhecer o "imbroglio" sul-africano em todos os seus ingredientes.

Daí o valor desta contribuição.

INTRODUÇÃO

Num típico cenário de neocolonialismo as duas Super-Potências disputam zonas de influência no continente africano sustentando regimes que lhes são favoráveis, alimentando a existência de países que não sendo nações se apresentam politicamente frágeis. Donde uma *quase generalizada incapacidade de grande parte dos governos africanos para enfrentar eficazmente os problemas sócio-econômicos*. Corrupção, tensões sociais, políticas econômicas fora da realidade, vêm

contribuindo para a deteriorização do continente. Assim, segundo o Banco Mundial a dívida total da África é avaliada em 78 bilhões e 400 milhões de dólares, representando 180% de suas exportações; destacando-se que a maioria dos países africanos que integram a ONU praticamente não conta com recursos naturais.

Donde se concluir, que dependendo da agricultura para viver, o africano médio encontra-se hoje bem mais pobre do que na década de 70. E que a continuar tal situação, se os problemas agrícolas não forem enfrentados com mais

eficácia, esse africano médio estará bem mais pobre em 1990 do que era nos idos de 1960 quando começou a se implantar o processo de descolonização.

O "OÁSIS" AFRICANO

Considerada, como o Brasil, ainda "nação em desenvolvimento", a *República da África do Sul*, embora só represente 5% da população e pouco mais de 3% da superfície global, destaca-se como o país mais adiantado do continente. Representa 25% do Produto Nacional Bruto do continente e 45% da produção mineira — sendo justamente os minerais e carvão as exportações mais importantes para o Ocidente. Produz mais de 70% do ouro explotado no mundo livre, tem 75% das reservas mundiais de cromo, vanádio, platina, manganês, bem como outros minerais e metais importantes para a indústria.

No contexto, pois, da Geopolítica do Confronto, no acirrado Eixo Leste-Oeste, no caso particular do "imbroglío" sul-africano, para a consecução dos objetivos da Doutrina Gorshkov, o *Kremlin* procura desestabilizar o governo pró-ocidental de Pretória através de movimentos guerrilheiros. Fazem, pois, o jogo de Moscou os guerrilheiros da SWAPO (Organização do Povo do Sudeste Africano), procurando instalar-se no governo de uma Namíbia independente, bem como os que se abrigam no CNA (Congresso Nacional Africano), banidos desde 1960 de Pretória, instalados em Lusaka,

hoje dirigidos por Oliver Tampo, por estar o líder Nelson Mandela cumprindo pena de prisão*.

Criado em 1912, o CNA é o mais antigo movimento político negro da África do Sul, formalmente vinculado ao ilegal Partido Comunista Sul-Africano. Afirma o CNA estar comprometido com a democracia multirracial, redistribuição de riqueza, bem como com a nacionalização das mais importantes empresas de mineração do país. Recebendo apoio de grupos não governamentais, mantém sua principal missão diplomática em Londres; agindo através de pequenos grupos na realização de suas sabotagens, conta com guerrilheiros treinados na Tanzânia, em Angola e na Europa Oriental.

No âmbito regional o aumento do número de incidentes, de sabotagens e de guerrilhas vem sendo comprovado nos últimos anos, pois dos 44 registrados no ano de 1984, atingiu 136 em 1985, enquanto só no primeiro semestre de 1986 já se situavam na casa dos 70. Em contrapartida, é o governo sul-africano acusado de freqüentes incursões militares a "Países da Linha de Frente". (Mapa 1). Assim, em janeiro de 1981 registra-se um ataque a edifícios do bairro de Matola, em Maputo, onde se abrigava o Quartel General do CNA. Outra ofensiva foi levada a efeito contra bases do mesmo CNA em Maseru, no Lesoto, em dezembro

* Foi condenado em face de atividades guerrilheiras e de sabotagem via movimento denominado "Umkhonto we Sizwe", traduzindo-se por "Lança da Nação".

de 1982; enquanto no assalto a Cabinda (enclave de Angola), em maio de 1985, era capturado o Capitão Winand de Toit. Em Gaborone, capital de Botswana, em junho de 1985 era atingido mais um centro de controle de sabotagens do CNA. Finalmente, no momento em que este artigo era escrito, a 19 de maio de 1986, em três ataques simultâneos, eram bombardeadas bases do CNA nas capitais da Zâmbia (Lusaka), do Zimbábue (Harare) e de Botswana (Gaborone). Justificou Pretória essa sua ação militar, pelo fato da polícia sul-africana haver descoberto numa mina abandonada de Kurgesdorp, perto de Johannesburgo, o maior número de armas jamais visto no país — variando desde um lançador de foguetes e fuzis de assalto AK-47, minas magnéticas e granadas de mão, tudo de fabricação soviética, contrabandeada pelos citados países vizinhos.

Dentro, pois, da Geopolítica do Confronto, nesta área da África Austral que Seversky em sua tese de Poder Aéreo classificou como "indecisa", a *segurança nacional* passou a ser a *determinante para o Governo de Pretória*; conseqüentemente, a Força de Defesa Sul-Africana (SADF) transformou-se na mais aparatosa organização militar do continente, sobretudo a partir de 1977 quando foi decretado o embargo de armas para o País, que além de se tornar auto-suficiente em armamentos também entrou, como o Brasil (que coincidentemente neste mesmo ano denunciava seu Acordo Mili-

tar com os Estados Unidos), para o mercado internacional.

O dilema sul-africano reflete a realidade de que, enquanto a Rússia sustenta a guerrilha, nos Estados Unidos milita uma direita vacilante de Conservadores. De um lado, Patrick Buchanan, Jane Kirkpatrick e o próprio Reverendo Jerry Falwell, encaixando o "affaire" África do Sul no Eixo Leste-Oeste da Geopolítica do Confronto, para conseguirem boicotar sanções contra o Governo de Pretória. Do outro lado, deputados conservadores como Vin Weber do Minnesota e Newt Gingrich da Geórgia, ignorando a realidade da Geopolítica do Confronto ao exigirem o fim do apartheid e implantação de "uma sociedade livre, multirracial e integrada". Finalmente no campo de tanta ambiguidade, condenando a tríplice agressão de maio de 1986, a Casa Branca enviava nota de protesto à África do Sul e mensagens de solidariedade aos dirigentes dos países agredidos. Esquecido do ataque estadunidense à Líbia ocorrido poucos dias antes, o porta-voz da Casa Branca, Lerry Speaks chegou mesmo a afirmar que tal atitude dos sul-africanos se constituiria num "golpe contra a paz na região".

Dentro, pois, do método que os Estados Unidos costumam chamar de "cenoura-e-porrete", isto é, de oferecer atrativos ou de exercer pressões, é fato que enquanto o Governo Carter se valeu muito mais da segunda alternativa, o Governo Reagan tem procurado se situar na primeira.

Entretentes, em face da conjuntura geoestratégica, observa-se, que, a despeito da política vacilante imposta pela democracia nos Estados Unidos, a "fortaleza" sul-africana não indica que irá cair ao "som das trombetas de Jericó"; o *apartheid segue seu próprio rumo, dificilmente influenciável a partir de fora.*

APARTHEISMO E TRIBALISMO

Segue o apartheid o seu próprio rumo a despeito dos discursos contrários na Assembléia Geral da ONU e da política externa de muitos países do mundo Ocidental.

Curiosamente, dentro da premissa dos "dois pesos e duas medidas" prevalente dentro da Geopolítica do Confronto, enquanto se reaviva a linha de ação contra o apartheid, cala-se sobre outras partes do Mundo onde vem se realizando algo bastante grave e notoriamente em desacordo com as leis internacionais. Dentro, pois, do princípio comparativo, não há como negar serem muito mais nações que a Namíbia tribal*, a Estônia, a Letônia e a Lituânia, mas que continuam ocupadas pela Rússia; enquanto fato por fato, a política desestabilizadora na Tchecoslováquia, Hungria, e Polônia vem sendo mantida a despeito dos levantes, para melhor defesa da Europa Comunista.

* Para maiores detalhes vide "Namíbia: Marxismo ou Democracia Étnica?" - A Defesa Nacional nº 697 - Setembro/Outubro de 1981.

Em face do "imbroglío" sul-africano, *bem mais que a política interna na África do Sul, se impõe para o Brasil a estabilidade dentro do equilíbrio no Atlântico Sul*, onde possuímos o maior litoral banhado por este oceano. A ação estabilizadora nesta região corre perigo de fato, ou pelo menos está em jogo, desde que o Governo de Pretória mencionou, em março de 1986 que começará a cumprir a Resolução 435 do Conselho de Segurança da ONU que leva à independência da Namíbia. Impõem-se entre outras, três interrogações. Uma vez livre a Namíbia, quem garante que haverá estabilidade naquela margem do Atlântico Sul que tão bem controla a Passagem do Cabo? Estará a Namíbia apta a um governo estável multirracial ou ingressaria no processo do tribalismo, que nada mais é do que um apartheid à la africana? Ou, na maior probabilidade de um rompimento do equilíbrio, se valer, como vem se valendo Angola, de forças cubanas, para evitar o confronto entre o DTA e a SWAPO?*

A África, de um modo geral, tem dado ao Mundo *exemplos diversos de tribalismo*, como o que ensanguentou a Nigéria ante o separatismo de Biafra (1967), chegando mesmo a dividir as opiniões no âmbito das Relações In-

* O DTA (Aliança Democrática Turnhalle) liderada pelo namibiano branco Dirk Mudge conta com a simpatia de numerosas tribos negras estabelecidas no norte, que negam sua colaboração a Sam Nujoma, líder da SWAPO, que tem suas bases guerrilheiras instaladas no sul de Angola.

ternacionais: a Inglaterra e alguns Estados Negros reconheceram o Governo de Lagos, enquanto a Tanzânia, a Costa do Marfim, o Gabão e a Zâmbia se mantiveram ao lado da República de Biafra. Em face da política dos "dois pesos e duas medidas", o tribalismo da Nigéria foi defendido pela Inglaterra, que, por outro lado, criticava o apartheidismo e governo de minoria branca tanto na África do Sul quanto na Rhodésia (atual Zimbabwe), levando esses dois países a se afastarem em 1961 e 1969, respectivamente, da Comunidade Britânica.

Dentro, pois, do contexto histórico do tribalismo representante constante do germe do secessionismo na Nigéria de hoje, embora país bem mais consolidado do que Angola, o nacionalismo encontra-se ainda ofuscado, pois uns se dizem ibos, outros haussás, alguns iorubas, edos, fulanis, carunis, ibíbios ou titos, e poucos nigerianos.

Trazendo-se o exemplo de Zimbabwe, destaca-se o apartheidismo e tribalismo no seu Parlamento bicameral composto por 14 representantes eleitos por um colégio de membros "não-brancos" e 10 por "membros brancos"; complementando-se com 5 representantes negros da Masholândia e outros 5 da Matabelelândia, espécie de "batustans" da tribo bantu majoritária perfazendo 94% da população, e ainda outros 6 membros apontados pelo Presidente. Embora bem menos tribal que a Namíbia e muito mais consolidado politicamente que Anglola, o Zimbabwe, conta com Robert Muga-

be no poder tratando de garantir que a sua tribo dos mashonas se sobreponha a todas as outras.

Também como o Zimbabwe envolvida no "imbroglío" sul-africano, Angola, com muitos grupos tribais — bantus, bacongus, quimbundos, ovimbundos, chacues, etc., não se encontra, no todo, politicamente identificada com o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), que com o falecimento do líder separatista Agostinho Neto, mantém no governo de Luanda, desde 1979, a José Eduardo dos Santos. Contra esse governo constituído e consolidado com o apoio ostensivo de Moscou-Havana, se encontra a tribo dos ovimbundos agrupados na UNITA (União Nacional de Independência Total de Angola), sob a chefia de Jonas Savimbi.

Dentro, pois, da Geopolítica do Confronto, enquanto Moscou sustenta o MPLA, Washington-Pre-tória apoiam a UNITA; daí o Governo Sul-Africano impor o seu preço para dar independência à Namíbia — a partida dos batalhões cubanos estacionados em Angola. É isso também o que deseja a UNITA, pois bem o sabe, que com a retirada dos cubanos o Governo de Luanda será obrigado a negociar um acordo de paz com a poderosa dissidência de Savimbi.

Do exposto chega-se à conclusão de que na África Austral em particular, e no continente em geral, na chamada fase de ocupação dos espaços, ocorreu a implan-

tação de "Estados Encavalados"*. Daí haver escrito J. Vicens Vives que "nas primeiras fases da evolução política das sociedades montanhosas é típica a constituição de diversos núcleos geohistóricos, mais ou menos afins, numa clara manifestação de cantonalismo geopolítico". Cantonalismo geopolítico que impediu, na América Espanhola, a despeito das finalidades culturais, se instalasse um único país. Cantonalismo geopolítico que transformou a Suíça montanhosa numa Confederação de certo modo apartheista, com Cantões alemães, franceses e italianos. Cantonalismo geopolítico, que, embora não sendo respeitado, caracteriza sobretudo o continente africano planáltico, e, particularmente a República da África do Sul.

Como o cantonalismo geopolítico não vem sendo observado, a África tem, conseqüentemente, sido palco de guerras civis separatistas, enquanto o tribalismo fabrica os golpes e contra-golpes entre líderes de autênticos territórios nacionais negros dentro de países, que no todo, sem que haja na realidade esse todo, se proclamam politicamente independentes.

Entre, pois, o tribalismo e o apartheismo, em face da teoria e da prática, se impõe o jogo da bipolaridade; e nesse jogo que compõe o "imbroglío" da República da África do Sul dirigida por um governo minoritário branco, *Pretória tem sido o anteparo mais forte,*

não só para a concretização plena do "fechamento de rotas" na Passagem do Cabo pelos soviéticos, como inegavelmente a barreira que ainda mantém, em parte, o Atlântico Sul à margem de confrontação mais efetiva ente as Super-Potências.

MILITARISMO E CIVILISMO

Enquanto no contexto geoestratégico os que simpatizam ou procuram estimular o Bloco comandado pelo Kremlin, do lado de lá se arvoram contra a bandeira do apartheismo, do lado de cá, no defrontante Con: Sul, do qual faz parte o Brasil, se abrigam no combate ao militarismo; enquanto do lado de lá o alvo principal vem sendo a República da África do Sul, do lado de cá a mira está voltada para o Paraguai e Chile infensos a processos de "aberturas".

E, no entanto, curiosamente, muito mais do que no Cone Sul, *os militares da África, vêm sendo bem mais a lei.* A carreira militar no continente africano vem se constituindo numa das poucas possibilidades de emprego fixo, e é, de certo modo bastante promissora, se observarmos ser bem mais comum um governo sair das Forças Armadas do que de qualquer uma profissão civil. Eis, pois, aí *o grande divisor entre o militarismo e o civilismo;* levando esse divisor a exemplos nem sempre muito edificantes, ou a ditaduras que se perpetuam, sem serem apontadas por defensores de democracias

* Do espanhol "Estados Encabalgados", segundo classificação de J. Vicens Vives in "Tratado General de Geopolítica"

e dos direitos humanos. Entre os inúmeros exemplos que se sucederam desde a descolonização destacamos alguns mais recentes — os governos do Coronel Segny Kounteche no Níger, do Tenente Aviador Jarry Rawlings em Ghana, do Sargento Samuel Doe na Nigéria, do Capitão Thomas Sankara em Burkina Faso (nome atual da República do Alto Volta), que não se nega, deram certa estabilidade política a seus países dentro do contexto ditatorial, mas é fato também que o fizeram cerceando a liberdade tribal, ou mesmo impedindo a prosperidade para a população civil.

No entanto, para que se explique o ataque ao regime só no Cone Sul, impõe-se o contraste — é que *o sentimento nacionalista* que caracteriza o nosso militarismo em geral, muito incômodo por ser bem mais consciente, *inexiste no militarismo da África tribal, mais facilmente manobrável.*

Na África, o exército imposto pelos colonizadores, foi das poucas instituições que mais cresceram desde a independência; sendo fato, no entanto, que *o profissionalismo quase não sobreviveu*, já que via de regra a grande maioria dos soldados africanos nunca montou ou combateu uma invasão. Entrementes, os exércitos africanos recebem grande parte da tecnologia mais avançada do Primeiro e Segundo Mundos; donde a visão constante dos jatos que dão vôos razantes em campos onde os arados são ainda puxados por bois, enquanto os tanques de guerra são

bem melhor manejados que os tra- tores.

Complementa-se então a premissa de que na África os militares são a lei, formando uma casta muito mais privilegiada que impõe, sem oposições civilistas, a sua vontade. Em face dessa realidade, dentro do sistema militarista tribal, as tropas africanas são, via de regra, empregadas contra o povo de seu próprio país; ou mais especificamente, no combate a tribo ou tribos que se interpõem no caminho da que está no poder. O fato mais recente é narrado por Glifford D. May no "New York Times"*: "Há poucos dias foram divulgadas notícias vindas de Uganda comunicando que soldados estavam mais uma vez matando, estrupando e roubando camponesas na conflagrada região do Loweru, ao norte de Kampala. E os camponeses explicaram que nem sabiam se haviam sido atacados por soldados do governo ou por guerrilheiros, pois disseram que os uniformes dos dois grupos são muito parecidos".

Impõe-se então, no contexto prático da Geopolítica do Confronto que soldados e guerrilheiros sejam vestidos e alimentados, enquanto civis e tribos inteiras andam esfarrapadas, morrendo de fome; na prática da geoestratégia do poder, é mais seguro distribuir armas e munições do que sementes e arados. Levando tudo isso, de um modo geral, *a África a se tor-*

* Transcrito pelo Jornal do Brasil — 20 de outubro de 1985.

nar propensa a preferir soluções militares às civis ou a atitudes políticas de empregar a força em vez de aceitar compromissos que resolvam disputas.

Em face de tais realidades, no jogo de xadrez africano vem predominando a lei dos "dois pesos e das duas medidas". Assim, a opinião pública mundial deve ser induzida a condenar agressões e apartheismos na África do Sul. . . mas deve ignorar que um país empobrecido como a socialista Etiópia, governada desde 1977 pelo Coronel Mengistu Hailé-Marien, mantém a despeito da fome da população civil, o maior, bem alimentado e cuidadosamente armado exército do Sub-Sahara, envolvido numa guerra crônica tribal em várias frentes internas.

"PUNCTUN DOLENS"

Envolvidos no jogo da bipolaridade, os "Países da Linha de Frente" tentam substituir, na África do Sul, o apartheismo pelo tribalismo, tendo, por isso, os seus guerrilheiros armados para atacar e destruir o Governo de Pretória. Responde o Governo de Pretória contra-atacando em maio de 1986 três desses países, enquanto o General sul-africano A. J. Liebenberg procurava fazer ver a opinião mundial que tudo fora causado pela entrada ilegal de armas no país, que se manterá "na firme resolução de empregar todos os meios ao seu alcance contra os terroristas onde quer que se encontrem".

A República da África do Sul atual se constitui num *autêntico "punctun dolens"*. E, assim sendo, acusar só o apartheismo como o grande mal que aflige o negro, e ao mesmo tempo ignorar o tribalismo que avilta povos igualmente negros, é cair na simples retórica. Conseqüentemente, na prática, o que se observa é que *o Brasil, numa diplomacia inteiramente econômica e nada geoestratégica*, trata de resgatar o relacionamento estreito com o continente negro perdido desde sua independência, em 1822. Dentro desse enfoque vê-se impelido a abdicar do Pacto Sul-Sul, opondo-se ao Governo de Pretória, para atrair, além de Angola e Moçambique, também os "Países da Linha de Frente".

Para os Estados Unidos e Rússia, no papel de Super-Potências em confronto, *o problema é bem mais complexo e profundo*. A África separa o conturbado Oceano Índico do cobiçado Atlântico Sul. Bloqueado no norte, para descompensar o Poder Marítimo que fortalece o Bloco Ocidental, o Kremlin põe em prática *a tática do envolvimento pelos mares quentes*; já dotado de *pontos de apoio em Angola e Moçambique*,

*Um desses países, Botswana, juntamente com o Lesoto e Suazilândia, forma o chamado BLS, pertencendo com a República da África do Sul a União Aduaneira da África Austral; trata-se da única no gênero no continente, estabelecendo, por acordo, o livre movimento de mercadorias entre os Estados-Membros, que fixam as mesmas taxas e impostos sobre artigos importados das partes do Mundo que não pertencem a esta União Aduaneira.

trata de alimentar grupos guerrilheiros contra o "pecado" do apartheidismo, a arma eficaz com a qual, *desestabilizando o Governo de Pretória, poderá pôr a perder a hegemonia do Bloco Ocidental na Rota do Cabo*, passagem obrigatória para os grandes petroleiros que abastecem os países capitalistas e membros da OTAN.

É, pois, "querer tapar o sol com a peneira" acreditar que discursos, declarações ou sanções venham a evitar que o confronto atinja o Atlântico Sul. É público e notório que na ribeira africana, países que integram esse complexo regional já se encontram envolvidos na Geopolítica do Confronto. O envolvimento tem o seu cerne no "imbroglío" sul-africano que *arregimenta a África do Sul-Namíbia, e já envolveu Angola, num delineado Eixo Leste-Oeste*. Podemos, isso sim, dizer que, não sendo a África Austral uma área tão prioritária de momento, o Kremlin não procura, na prática, consagrar a busca da hegemonia meramente ideológica, tal como exige na "Cortina de Ferro". Trata-se de obter, via *"política do controle remoto"*, o maior número de bases navais que assegurem permanentemente à Marinha Vermelha portos para a estocagem e reabastecimento tanto em tempo de guerra como no de paz, sem correr o risco do pleno engajamento com países frágeis, afeitos à mudanças políticas tão comuns no instável continente.

Dentro dessa realidade histórica, atendo-nos a um confronto

ocorrido no âmbito do Atlântico Sul, em 1982, é bem válida a conclusão de que, se em vez da Argentina, o opositor nas Malvinas fosse qualquer tribalista país africano, manobrável à distância, por certo que guerrilheiros já estariam sediados no arquipélago para dar ao Kremlin suas vantagens. Donde se concluir que *não só a instabilidade, mas sobretudo a imaturidade, são portas que se abrem de par em par aos movimentos guerrilheiros*.

Na prática é o posicionamento, que na Geopolítica do Confronto se constitui no fator determinante dos países áreas ou regiões de maior ou menor interesse para as Super-Potências, em face do que possa vir a afetar sua segurança ou a concorrer para o seu desenvolvimento. E, dentro deste sistema de valores, *a África Sul-Atlântica se constitui num "punctun dolens"*, que, no presente momento apresenta-se propícia à subversão dentro da ação de destruir, derrubar, confundir, transbordar e desordenar.

Registra a História que o Kremlin conseguiu, mediante o "pecado" do colonialismo, afastar a África, ainda imatura, dos países ocidentalistas que se constituíam em suas metrópoles; cabendo aos Estados Unidos contribuir para tal situação caótica, tendo por isso, que disputar hoje, palmo a palmo o continente africano com os soviéticos. Vem registrando a História que *uma vez alterado o equilíbrio do poder no continente, volta-se então o Kremlin*

contra um poder em equilíbrio, representado pelo Governo de Pretória. Só com este vácuo de poder poderá ser coroada de êxito a Doutrina Gorshkov, contribuindo para "a ruptura das linhas de comunicação oceânicas vitais à sobrevivência econômica e à capacidade militar do Ocidente. Donde a realidade de que: a política soviética só é misteriosa para aqueles que persistem em olhá-la de fora e de maneira fragmentária e se recusam a se servir da chave que os próprios comunistas fornecem a quem quiser utilizá-la" *.

CONCLUSÃO

Segundo o Censo de 1980 a África do Sul (excluindo-se as Repúblicas do Transkei, Bofutatswana e Venda) contava com uma população de 24.900.000 habitantes com maioria negra, seguida de brancos, mestiços e asiáticos; donde se concluir tratar-se de *autêntico mosaico étnico*.

Em contrapartida, os 17 milhões de *negros*, constituindo maioria absoluta, *não se constituem num único grupo, circunscrevendo-se, pois, na problemática do tribalismo*. Dentre os 10 maiores grupos negros, os mais importantes em número são: os zulus (6 milhões), os shosas (2,7 mi-

lhões), os sotos do norte (2,3 milhões), os sotos do sul (2 milhões), os changanas-tsongas (1 milhão), os tsuanas (1,2 milhão) e os vavendas (0,2 milhão). Cada tribo tem sua identidade cultural, sistema social, djaletto e território histórico. Levando-se em conta o cantonalismo geopolítico, em 1982 os shosas no *Transkei* e *Ciskei*, os tsuanas em Bofutatswana e os vavendas em *Venda* passaram a viver em Estados independentes; enquanto os soto-tsuanas fixaram-se no Lesoto, Botswana, Estado Livre de Orange, Transvaal, norte da Província do Cabo e Bofutatswana, migrando outros como ainda os zulus e shosas para a orla marítima oriental fixando-se no *Transkei*, *Ciskei*, *Transvaal*, Cabo Oriental e Natal. (Mapa 2).

Refletindo sobre os problemas internos que afetam a República da África do Sul em si, tornando-a tão vulnerável no âmbito das Relações Internacionais, é interessante ressaltar que os limites antropogeográficos formadores de territórios nacionais — *batustans* ou *homelands*, têm sua aceitação implícita no estabelecimento da auto-determinação. Auto-determinação posta em prática pela primeira vez, como doutrina universal, na Conferência de Paz realizada após a Primeira Guerra Mundial. A partir de então observou-se que o meio mais satisfatório de aliviar as dificuldades das nacionalidades (aplicando-se no caso africano ao das tribos), foi o de agrupá-las como Estados.

* James Burham — "The Struggle for the World"

P. de Azcárate*, com experiência prática na investigação de problemas das minorias concluiu que: "A crise da fórmula clássica de que toda nação é um Estado e todo Estado é uma nação é agora perceptível. . . Nenhum traçado de fronteiras poderá eliminar a existência de minorias nacionais".

O apartheidismo só tem interesse para o bloco Comunista em ser mostrado e divulgado quando se impõe entre negros e brancos, para dar-lhe a conotação de racismo. E, propositadamente procura mascarar o fato de que, como os negros, a maioria dos indus, integrantes com os chineses do grupo asiático (800.000 pessoas), chegou à África do Sul também no século XIX, para o trabalho agrícola nas plantações de cana de açúcar na Província de Natal; como as tribos negras, os indus se transformaram em elementos não assimiláveis fechando-se dentro do apartheidismo natural, em grupos comunitários. Vivem, pois, separados os indianos sul-africanos que são hinduístas (68%) dos que praticam a religião muçulmana (20%); donde se concluir que o apartheidismo tribal negro se reflete também no seio do grupo indostânico em face do fator religioso; fator religioso que também leva ao apartheid o budismo e catolicismo professado pelos chineses instalados nas imediações de Pretória e em Port Elizabeth quando dedicados ao comércio.

Dentro do contexto de formação dos territórios nacionais, o Governo de Pretória reconhece mais este "quisto", visto que a maioria dos indianos, a despeito da passagem gratuita e indenização* para os que quizessem retornar, resolveu se manter na África do Sul. Comparativamente, observa-se, que mesmo a despeito do apartheidismo não se levou a efeito a chamada expulsão forçada, tal como ocorreu em Uganda, nem a transferência de propriedade de indianos para negros através das leis promulgadas pelo Governo do Quênia.

Tornando ainda mais complexo o mosaico étnico sul-africano, além dos negros, brancos e orientais, os mestiços ou "coloreds" (2.600.000 pessoas) compõem também um grupo a parte na paisagem populacional sul-africana. Esse grupo se concentra, grosso modo, na Província do Cabo, onde ocorreram os primeiros cruzamentos de brancos (em geral portugueses) com os hotentotes imigrados da Namíbia, originando os *gríguas*. Atualmente, mesmo os que, como *mulatos*, mostram a contribuição do sangue africano, os mestiços procuram identificar seus interesses com os dos brancos, adotando o catolicismo e estilo de vida ocidental, daí não serem bem vistos pelos negros. Incluem-se ainda entre os mestiços, os *malaio do Cabo*, com suas tradições muçulmanas.

*League of Nations and National Minorities".

*Acordo do Cabo de 1927 firmado entre os governos da Índia e da África do Sul.

Quanto aos *brancos*, os primeiros a se estabelecerem na região, na Cidade do Cabo, em 1652, eram 90 homens comandados por Jan Van Riebeeck. Como a Cidade do Cabo, por eles fundada, se posicionava bem na rota para o Oriente, o objetivo desses pioneiros foi o de cultivar a terra e implantar a pecuária para vender carne e verduras à tripulação dos navios mercantes da Companhia das Índias Orientais (VOC).

Mas, a ocupação agro-pecuária do fundador holandês se expandiu com a chegada de outras levas que se estabeleceram em granjas; daí haver se generalizado o termo *boer*, que significa *granjeiro*. Posteriormente, ampliando suas atividades econômicas para o setor da caça e criação de gado, atingiram o máximo de sua expansão, donde, em 1750, no mesmo ano em que o Tratado de Madrid tornava, com as conquistas bandeirantes, o Brasil uma nação-continente, a primeira comunidade branca da África habitava uma área de 170.000 km², seis vezes maior que a da Holanda.

Os boers passaram a viver na Colônia do Cabo até que, em 1814, a Inglaterra obtinha a posse formal do território, confirmado por atos do Congresso de Viena (1815). Eis, pois, a *razão histórica para o afastamento e desligamento total desses holandeses de sua "mãe-pátria"*, que interessada em obter a Bélgica na Europa, os entregou aos ingleses como se fossem

"cabeças de gado", usando-se expressão da época*.

Começam então as discriminações e o conseqüente apartheidismo entre os brancos; em 1835-36, numa imigração conhecida como a "Grande Viagem", os boers vão se estabelecer no Orange e Transvaal, em protesto contra o domínio inglês. No entanto, a descoberta do ouro nessas áreas interiorizadas dava início à *Guerra dos Boers* (1899-1902), que termina com a implantação do domínio britânico em todo o território.

Em 1910 *constituía-se a União Sul-Africana, autêntica "colcha de retalhos"* no dizer da Rainha Vitória; união que em 1926 passava a se basear na legislação segregacionista do apartheidismo, tendo em vista a realidade psicossocial. União que se iria desfazer no âmbito da Comunidade Britânica com a transformação da África do Sul em República (1961).

O *apartheidismo*, palavra sul-africana, cujo significado completo, sem distorções, vem a ser desenvolvimento em separado, nasceu, pois, no seio do grupo branco que forma hoje *os afrikaners*** , descendentes de holandeses (60%), contra 40% de descendentes de ingleses. Observando-se que

* É interessante comparar, que nesse mesmo Congresso de Viena era o Brasil elevado à categoria de Reino Unido ao de Portugal e Algarve, numa demonstração tácita da preferência do monarca da "mãe-pátria" — D. João VI, por suas terras americanas, em detrimento das européias.

** Falam língua do mesmo nome, a única do grupo germânico nascida fora da Europa.

no contexto geral, o apartheidismo vai desde o aspecto sócio-cultural dos dois grupos brancos até mesmo à rivalidade política, sobretudo desde 1948 quando os afrikaners tomaram dos descendentes dos ingleses o poder, com a vitória do Partido Nacional.

No contexto geral, atualmente, a *nação branca sul-africana* contando com 4.500.000 pessoas descende não só de holandeses e ingleses, mas também de imigrantes *alemães*, e nas últimas décadas contou com a imigração de *portugueses, italianos, gregos e forte comunidade judaica*.

Do exposto, em linhas gerais, em face do mosaico étnico, a *situação do "imbroglío sul-africano não é tão simples como se pensa*, e nem se resolverá com boicotes, sanções ou discursos na ONU; não se resolverá, nem mesmo, com a Assembléia Geral impedindo a participação da África do Sul nos debates sobre a Namíbia*.

Por outro lado, implantando-se contra o governo minoritário branco, o poder negro de Mandela, pró-Moscou, também minoritário

por ser tribal, será certa a *expulsão dos afrikaners e descendentes de ingleses*, tal como ocorreu com os portugueses colonizadores de Angola e de Moçambique. A partir de então, os militantes do CNA, sem capacidade de defesa e auto-gestão para seus próprios destinos entrarão na fase do neocolonialismo que caracteriza grosso modo o continente africano.

Imposto o novo status, os colonos brancos de Angola e Moçambique tornaram-se portugueses indo para a ex-metrópole, ou mesmo sul-africanos, via de regra, integrando a comunidade dos 2.300.000 católicos da República da África do Sul. Os descendentes sul-africanos de ingleses, por certo terão abrigo na "mãe-pátria", a Inglaterra, mas. . . e os afrikaners, para onde irão? *Os afrikaners não têm "mãe-pátria" como os demais colonizadores*, sentindo-se, por isso, *bem mais nativos do que colonos*; consideram-se como singular tribo branca rodeada de outros grupos étnicos dentro de um apartheidismo natural. Esta, talvez, seja a mais importante dentre as reflexões que nos sugere um estudo mais geopolítico do que político sobre o "imbroglío" na África do Sul.

* Impedimentos realizados, uma vez em 1979 e duas vezes em 1981.



Therezinha de Castro é Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu Rumo à Antártica, em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, História da Civilização Brasileira, Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil, África - Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais.